



Conceito de transferência e contratransferência: uma revisão crítica sistemática¹

The concept of transference and countertransference: a systematic critical review

Rafael da Silva Molina^[a], Carmen Beatriz Fabrian^[b]

Resumo

Esta revisão crítica dos conceitos de transferência e contratransferência, referenciados na perspectiva da teoria e técnica psicanalítica, segue a metodologia proposta pelo Instituto Cochrane para revisão sistemática, buscando colaborar com os demais pesquisadores na área, além de proceder ao levantamento dos artigos, categorizá-los por escola e pela natureza da discussão dos conceitos. O período de 2000 a 2010 foi revisado em base eletrônica de dados contidos na página da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), disponibilizado pelo Ministério da Educação, Índex Psi Periódicos. Apresenta-se uma abordagem, argumenta-se sobre os conceitos e conclui-se que estes fenômenos psíquicos são polissêmicos.

Palavras-chave: Psicanálise. Transferência. Contratransferência. Revisão sistemática.

Abstract

This critical review on transference and countertransference, referenced from the perspective of psychoanalytic theory and technique, following the methodology proposed by the Cochrane Institute for systematic review, seeking to collaborate with other researchers in the area, as well as to a data collection on articles, categorize them by school and by the nature of the discussion of the concepts. The period from 2000 to 2011 was revised through the electronic database contained in the Coordination of Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) page, provided by the Ministry of Education, Psi Periodicals Index. We present an approach, argued about the concepts and conclude that these psychic phenomena are polysemic.

Keywords: Psychoanalysis. Transference. Countertransference. Systematic review.

^[a] Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (FAE), São João da Boa Vista, SP – Brasil, e-mail: rafajaws@yahoo.com.br

^[b] Doutora em Psicologia Social, professora do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (FAE), São João da Boa Vista, SP – Brasil, e-mail: carmenfabriani@fae.br

^[1] Apoio: UNIFAE. Este trabalho é derivado da monografia de conclusão de curso apresentada pelo primeiro autor, e sob orientação da segunda autora, ao curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (FAE), em 2010. Agradecemos à Maria Jose G. Moreira da Silva pela revisão ortográfica.

Recebido: 23/11/2011
Received: 11/23/2011

Aprovado: 16/10/2012
Approved: 10/16/2012

Introdução

Apesar de existir, inicialmente, um conceito que define a transferência e a contratransferência, a compreensão destes fenômenos psíquicos não escapa às transformações a que todo “objeto” está sujeito através do tempo, levando em conta a subjetividade humana e as mudanças culturais através das épocas que determinam e são determinadas pelas relações humanas. Os últimos dez anos são marcados por estudos amplos em relação à compreensão dos fenômenos e procedimentos da técnica terapêutica ligados às possibilidades de relações que antes não eram explicitadas, tais como o movimento do clínico para o social deixando de lado o aspecto elitista e tomando a técnica sob o aspecto de estruturas psicológicas sociais, dando ênfase à polissemia, o que leva a formas diversificadas no emprego, codificação e manejo desses conceitos.

A revisão sistemática (Atallah & Castro, 1998), compreendendo o período entre 2000 a 2010, se propôs a avaliar criticamente e sintetizar estudos relevantes a respeito dos conceitos de transferência e contratransferência em relação a suas aplicações e definições, promovendo a atualização dos profissionais com a finalidade de categorizar artigos relativos ao tema por escola, além de categorizar as ocorrências por seus objetivos e aplicações. Os resultados da pesquisa são coletados, categorizados, avaliados e sintetizados. Para tanto, há sete fases que compõem uma revisão sistemática: construção do protocolo, definição da pergunta, busca dos estudos, seleção dos estudos, avaliação crítica dos resultados, coleta de dados e síntese dos dados. (Clarke & Horton, 2001; Galvão, Sawada, & Trevizan, 2004).

Freud: da tomada de consciência do conceito da Transferência ao abandono da discussão

Segundo Coutinho (2007), Freud relacionou-se com Breuer através do caso Ana O. pelo método hipnocatártico que, colocando-o próximo a estas questões, publicou *Estudos sobre a Histeria*. A partir da neurologia, é Charcot o alvo de sua atenção cuja influência o levou a atribuir a conotação sexual nas psicopatologias, uma vez que a relação terapêutica entre Charcot e suas pacientes possuía certo cunho amoroso, que para Lorenço (2005) é tido como jogo de seduções e embaraços. Estabeleceram-se ideias

contrárias às daquele, como a de que o caráter da histeria seria de cunho psicológico e relacional, cujo tratamento se dava através da escuta do saber dos pacientes, instituindo assim ideias como a de estar em contato com seus pacientes e fazer de sua pessoa algo utilizável.

Concomitante ao surgimento da Psicanálise, em 1895, Freud empregou pela primeira vez o termo “transferência” como uma forma de resistência (inconsciente), funcionando como obstáculo à análise, evitando o acesso ao remanescente da sexualidade infantil, ligando-se intimamente ao Complexo de Édipo. Foi com a suspensão do método da hipnose que a resistência foi percebida. Também funcionando como um meio de acesso ao inconsciente, em 1909, com *O Homem dos Ratos*, Freud postula que deveria haver entre médico e paciente um vínculo de confiança para que a análise se desse a favor de vencer as resistências, ligando o trabalho de superar as forças psíquicas dos pacientes que resistem a tornar conscientes as representações patogênicas ao trabalho psíquico do próprio analista, onde o sentimento transferencial encontra-se pronto, por antecipação, só aguardando a oportunidade de dirigir-se à figura do médico, a qual, por sua vez, ocupa na transferência o lugar de algum personagem importante na história do paciente, configurando uma reedição de padrões de relacionamentos. (Lorenço, 2005; Castro, 2005; Coutinho, 2007). Segundo Coutinho (2007), Freud ligará as ideias de lembrança, repetição e transferência em seu texto *Recordar, Repetir e Elaborar*, de 1915.

Freud toma consciência da existência do fenômeno da transferência quando nota a importância que a figura do terapeuta assume perante o paciente, influenciando nas representações que o profissional podia encarnar no tratamento, no vínculo terapêutico, nas defesas do ego e nas resistências ao tratamento. Este novo sintoma deve ser tratado como o antigo, porque sua base está no modelo do antigo.

O caso Dora

Primeiro relato sistemático atendido por Freud, Dora configura-se como o momento onde a associação livre tem início e o fenômeno da transferência é “originalmente” percebido a partir da neurose em relação a Freud que, nas análises dos sonhos da

paciente, assumia a figura de seu pai atualizada no presente, descrito no texto *Fragmento da análise de um caso de histeria*, de 1905. Com Dora, Freud passa de sua posição inicial, onde considerava a transferência como empecilho ao tratamento, pois se caracterizava como resistência, à posição que a considera “incontornável”, mas “indispensável” (Coutinho, 2007; Dias, 2007; Andrade, 2009).

O que são essas transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como vínculo atual com a pessoa do médico. (Freud, 1905/1995, p.113).

Assim, revive-se uma série de experiências psicológicas, não como pertencentes ao passado, mas ao presente e em relação ao psicanalista. Algumas experiências são praticamente idênticas à experiência antiga, às quais Freud dá o nome de *reimpressões*. Outras, ao contrário, têm uma construção mais engenhosa, à medida que sofrem influência modeladora de algum fato real (do médico ou das circunstâncias) e, então, são mais *novas edições* do que reimpressões, produtos da sublimação (Etchegoyen, 2004).

Formulações Sistemáticas: produção de escritos técnicos

Segundo Coutinho (2007), com a preocupação em tornar a Psicanálise uma matéria “realmente” científica, Freud passa a se dedicar à produção de escritos técnicos, vendo o fenômeno segundo os conceitos de resistência, repetição e amor em *A dinâmica da Transferência*, de 1912.

A resistência se dá a partir da fixação da energia libidinal em imagos principalmente maternas, paternas e fraternas, reeditando antigos “clichês” na figura do terapeuta o que impede o fluxo mental em direção a uma ressimbolização. Isso se dá a partir da fixação do objeto, frustração da satisfação pela realidade e regressão da libido antecipando as ideias libidinais, sem que as experiências recentes de novos investimentos possam modificar. Divide

a transferência em duas: positiva (de sentimentos afetuosos, que são admissíveis à consciência, e de impulsos eróticos, que prolongam-se ao inconsciente) e negativa (de sentimentos hostis). Freud conclui que as transferências negativa e positiva de cunho erótico acontecem a serviço da resistência, que segundo Dias (2007) serviria como entrave à análise; já a positiva amistosa constitui um veículo de tratamento. Dessa forma, a transferência, para Freud, também se configuraria como repetição. O que é repetido na transferência pode ser lembrado e, conseqüentemente, elaborado. A repetição (atuação) substitui o impulso a recordar e quanto maior a resistência mais a atuação substituirá o recordar, de modo que o que é reeditado através da transferência são principalmente imagos de mães e pais. Freud volta-se para o amor, sendo sua ideia principal a do amor como versão de um amor infantil. Por meio de suas conquistas em textos anteriores, o autor lança suas *Observações sobre o amor de transferência*, onde definiu o amor que aparece nas condições do tratamento como uma neurose de transferência, e sendo assim o trabalho busca desvendar a escolha objetual do paciente e as fantasias tecidas ao redor dela.

Exponentes que se relacionam com a conceituação do termo transferência

Para Melanie Klein a transferência está intimamente relacionada à relação de objeto. Existe uma externalização do que se passa no mundo interno do paciente. O analista é depositário das projeções das modalidades de relações de objeto internas, com fantasias e defesas associadas como estão sendo vividas na atualidade. Klein localiza a transferência no plano espacial (do intrapsíquico para o analista-mundo externo). (Oliveira, 2007; Pimentel & Barros, 2009). Faz um retrospecto de conceitualizações de Freud a partir de ideias como a pulsão de vida e de morte, tratando das posições esquizo-paranoide e depressiva, colocando como ponto central de seus trabalhos a agressividade das crianças e abordando fenômenos psicóticos. Trabalhando com pulsões sádico-destrutivas, compreende o fenômeno transferencial como uma reprodução na figura do analista de todos os objetos primitivos e relações objetais internalizadas no psiquismo do paciente e das respectivas pulsões, fantasias inconscientes

e angústias (Castro, 2005). Melanie Klein difere das teorias originais de Freud, pois considera a existência do ego e ansiedade primitivos, de superego e complexo de Édipo precoces; assim como Pimentel (2009) introduz a expressão “identificação projetiva”.

Para Castro (2005), Bion dá ênfase ao elo estabelecido entre analista e paciente, afirmando que a transferência ocorre na relação intersubjetiva, utilizando conceitos como continente-conteúdo, *rêverie*, função alfa, elementos beta, invariantes e a teoria das transformações em alucinação. Postula que o analista funciona como continente que possibilita a contenção da angústia, a transformação e a devolução das identificações projetivas que o paciente viu-se obrigado a emitir dentro dele (Rossoni, 2010). Winnicott relê a transferência a partir do estudo da primeira infância e suas relações objetais. Com isso, o terapeuta é colocado no lugar de objeto subjetivo por qualquer paciente. Já Lacan estuda separadamente os conceitos de transferência e repetição, introduzindo no estudo da transferência as noções de amálgama, sujeito suposto saber e desejo do analista. Para ele, a transferência é um amor, uma crença de que encontramos na pessoa amada o objeto que perdemos desde sempre, que buscamos a vida inteira e nos é precioso. Esse objeto que o sujeito acredita ter encontrado na pessoa amada é o amálgama, deixando-nos enamorados, à medida que nos fascina. O analista é então colocado pelo paciente na posição de amado, daquele que tem um saber, uma resposta para o sofrimento do sujeito. (Vieira, 2010).

A formação do analista e os diferentes tipos de relações estabelecidas entre analista e paciente: a contratransferência trabalhada por diferentes autores

Segundo Coutinho (2007), a contratransferência entra em foco a partir das preocupações de Freud com a técnica e formação do analista, assim, em *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica* aparece pela primeira vez o termo por causa da constatação de que a transferência seria um mecanismo universal no humano e, dessa forma, o analista não estaria livre deste mecanismo, configurando-se como uma resposta inconsciente à transferência do paciente.

Leitão (2003), da mesma forma que Andrade (2009), propõe que correntes divergentes

caracterizaram pensamentos e teorização em relação ao conceito. A abordagem clássica remete à noção de que a contratransferência atua como impedimento à compreensão, forma de resistência inconsciente do analista, obstáculo a ser removido que bloqueia o progresso e a credibilidade da Psicanálise enquanto disciplina científica. Participam desta abordagem autores como Reich, Glover, Fliess e Gittelson. Da linha oposta, advogando seu uso técnico como instrumento de compreensão do inconsciente do paciente, participam autores como Cohen, Fromm-Reichmann, Heimann, Racker, Weigert, Winnicott e Thompson. Little, ao definir o conceito, aproxima-se da abordagem clássica; já em seu uso, aproxima-se da segunda abordagem. Menninger e Orr ocupam uma posição intermediária.

Destacam-se em discussões autores como Ferenczi, Deustch, autores kleinianos como Winnicott, além de Heimann, Little, Racker, Money-Kyrle, Bion, Lacan, Kernberg, Reich e Gittelson.

Os quatro grupos principais

Segundo Leitão (2003), Louise de Urtubey (1994, citado por Duparc, 2001) propõe uma organização teórica que discrimina quatro grupos principais de teorias:

Grupo 1: teorias clássicas onde a contratransferência é vista com incredulidade e como um resíduo não analisado do analista, que deve ser controlado através da neutralidade e do silêncio. Para Andrade (2009), este grupo é tomado como a primeira geração. Autores: Glover, Numberg, Ida Macalpine, Annie Reich, Robert Fliess, Greenson, Schafer e Sandler.

Grupo 2: vista como totalidade das emoções e sentimentos que o paciente faz surgir no analista, permitindo compreender o paciente. Autores: Ferenczi¹² e autores britânicos como Strachey, Balint, Winnicott, Bion, Searles e Grinberg.

¹ Segundo Coutinho (2007) e Dias (2007), Ferenczi (1918) toma as ideias de Freud e produz textos técnicos a respeito da posição do analista que progride com seu discípulo Michel Balint. Ferenczi inicia uma série de ensaios sobre a técnica usando termos como “sentir com tato clínico” e “equação pessoal”. Para ele, a contratransferência abrangia tanto afetos advindos dos investimentos transferenciais do analista quanto resistências e pontos cegos em resposta aos investimentos a ele endereçados, afetos

Grupo 3: teoria da contratransferência neurótica mais útil, onde a autoanálise é enfatizada como um fator essencial no processo analítico. Autores: Margaret Little,²³ Harold Searles e Pontalis.

Grupo 4: a contratransferência é considerada um componente do campo analítico, servindo para compreender a situação analítica; transferência e contratransferência constituem uma unidade, um processo de trabalho que deve ser levado a cabo em conjunto. Autores: maioria dos autores franceses e muitos autores da América do Sul da atualidade.

O estudo e divulgação do fenômeno contratransferencial

Foi Racker quem ocasionou uma mudança no paradigma, chegando a articular uma teoria coerente e ampla. Racker (1960) afirmou que o fenômeno operava de três formas: simultaneamente, como obstáculo (identificação complementar) e como instrumento técnico (identificação concordante) e ainda como campo em que o analisando pode realmente adquirir uma experiência viva e diferente da que crê que teve originalmente. Utiliza os seguintes parâmetros para descrever o fenômeno:

- Reações contratransferenciais diretas e indiretas;
- Reações contratransferenciais concordantes ou homólogas e complementares;

inéditos suscitados no encontro analítico. (Kupermann, 2003, citado por Coutinho, 2007). Michel e Alice Balint, seguindo Ferenczi, concordam que diferenças na atmosfera analítica não são somente realizadas pelo paciente, mas também pelo próprio analista, a partir de suas características. Defendem, então, que a técnica não seria padronizável. (Coutinho, 2007).

² Little (2002) também propõe que a contratransferência pode ser vista como “o conjunto das atitudes e comportamentos do analista para com seus pacientes. Isto inclui quaisquer atitudes conscientes”. (Coutinho, 2007). Retornando a metáfora do espelho, diz que o paciente também oferece um espelho ao analista e ambos respondem a esses reflexos de maneira reverberativa. Heimann (1949), assemelhando-se a Little e Balint, possui a tese de que a contratransferência é a resposta emocional do analista na situação analítica que se configura como uma ferramenta importante para entender e pesquisar o inconsciente do paciente.

- Ocorrências contratransferências e posições contratransferenciais.

Após os anos 1970, a contratransferência é vista segundo o conceito de empatia nas obras de Kohut (1971), dando ênfase à dialética entre paciente e analista e no terceiro objeto formado através da interdependência entre os sujeitos.

Argumentação sobre os conceitos

O ser humano concorre com o tempo em suas particularidades naturais de ter potencial para a modificação de seu próprio ser. Isto porque o indivíduo é produto e produtor do meio, e fazendo parte de um todo, ele é e está ligado às mudanças, pois tudo tende a se modificar. O ser humano sofre ação e age em seu meio ambiente seguindo leis próprias que retroagem com um meio maior. Sendo assim, é faculdade deste decidir e argumentar a respeito de sua própria existência, levando em consideração a sociedade, a cultura, o momento histórico e o meio ambiente em que está inserido.

Nas palavras de Almeida (2009), proferidas durante a conferência de abertura da Semana de Meio Ambiente da UFRN:

A espécie humana, uma emergência que se expressa a partir do domínio do vivo, é parte da natureza. Os fenômenos que conhecemos e estudamos são conectados entre si. Apesar dessa contingência, desde que nascemos temos escutado e aprendido tudo de forma parcial, pela metade. Se essa maneira de viver e conhecer se deve, em parte, à incompletude e ao incabamento que constituem a condição humana, por outro lado, esse modelo cognitivo, fechando em si próprio, acabou por constituir, sobretudo a partir do século XVII, o paradigma da ciência ocidental. O que, à partida, expressa a aptidão dos humanos para distinguir e acaba consolidando historicamente estruturas mentais que operam a fragmentação das formas e níveis da realidade e, sobretudo, a separação entre o homem e outros estados de ser da matéria e da vida.

Modificar ou ser modificado provém do fato de sempre estar em interação. É esta interação que faz que a vida – e consequentemente o pensamento – seja dinâmica e mutável. O ser humano tem o potencial de se “expandir” para todas as direções, positivas ou negativas. O humano é um ser que adquire

experiência, e por ser social, passa-as adiante até mesmo como uma lei geral – a de expansão. Seus atributos, qualidades e defeitos também se modificam, à medida que é modificado e modifica o meio, adaptando-se e experienciando novos conceitos. Com isso, seus mecanismos de agir no meio se modificam tal qual sua forma de ver e pensar a respeito de si próprio e a respeito do mundo. Seu existir social, biológico e psicológico são partes menores de um todo. É a partir da experiência humana e do imaginário predominante que se produzem os significados, segundo parâmetros como o grau de desenvolvimento e de tecnologia, a organização social, a arte, a religião etc. A mente humana se configura em um objeto, que por meio dos processos em que está inserida, avança e retrocede, delimitando o conhecimento e a ciência como incertos, parciais e inacabados. Assim, cada objeto é analisado e estudado segundo premissas e regras referentes ao momento. A análise também depende do grau de conhecimento que pode se ligar àquela ideia, modificando a verdade em relação àquele objeto em relação ao todo. Exauridas as ideias que podem dar sentido a determinado objeto, as fronteiras do conhecimento devem ser expandidas, modificadas ou retomadas segundo outros parâmetros. Ao exaurir as possibilidades de um objeto, este será alvo de retomada de movimentos, de reexames, de junções diversas dependendo da demanda biopsicossocial, modificando-se segundo o argumento, fundindo um novo objeto, ainda que parcial.

O argumento seria então um meio que possibilita ao objeto sua modificação, por meio de prefixos, sufixos e demais “acessórios”, modificando a função da raiz através de sua estrutura. Dessa forma, os objetos psicológicos sofrem sutis transformações pela dinamicidade da linguagem e a cada “local” visitado e percebido por uma corrente de pensamento referente a determinado tempo. A história psicológica toma outro rumo quando é instigada a ir em direção à sociedade e a questões mundiais como a sustentabilidade. Tais partículas que modificam o sentido da estrutura básica levam o homem a considerar novas argumentações e novas formas de estar no mundo. Isso mudaria até os vínculos entre seres humanos agindo na qualidade de vida, uma vez que essa última é fator determinante em processos sociais, determinando uma nova concepção de mundo, segundo parâmetros ambientais e as ligações ou vínculos entre o ambiente e o homem. Com isso, as

fronteiras da Psicanálise encontram-se com o social e começam a realizar trocas com esse meio, e se há uma necessidade de dialogar com o ambiente social, também existe uma necessidade de dialogar com o natural. Isto porque o ser humano é considerado parte do todo e o todo em si, interagindo.

Toda interação se reflete em uma ação e reação e, mais que isso, em mudanças. Começa o momento onde há a argumentação e a contra-argumentação. Dois mundos começam a dialogar e deste encontro surge uma tese e uma antítese, onde, se antes o humano existia como sendo o protagonista único, aqui deverá procurar “um meio em um meio”, para desse encontro formalizar regras e normas e, mais que isso, “interações biopsicossociais”, modificando sua mente e, deste modo, de forma sutil, os processos a que sua mente se submete. Por meio do encontro de subjetividades o humano consegue ser um e o outro. Para Andrade e Morato (2004), este processo de aproximação cria outros paradigmas ou sensibilidades, designando posturas existenciais e/ou concepções de mundo capazes de dar acolhimento, assento ou morada à alteridade. Aqueles autores dizem que não se trata de negar os valores como vetores de uma sociedade, mas de instituir valores supramorais tanto no nível das sensibilidades quanto no do pensamento, uma nova maneira de existir e pensar que não se baseia em supostas verdades fixas e gerais, mas acolhe a vida em sua contínua processualidade e transformação. É aqui que o conceito de participação emancipatória entra. Segundo Tassara e Ardans (2003):

Participação emancipatória é entendida como a ação de ser (fazer) parte de processos de transformação social que suponham não uma passividade dos atores [...], mas, pelo contrário, uma ação enquanto agentes do processo em todas as suas fases e para todos os efeitos.

À medida que muito do conhecimento científico se dá segundo as premissas de conhecimento por experiência errante (aquela que se mantém às custas de uma ausência externa de falseamento) e inferência da causa a partir do efeito ou da essência a partir das propriedades – virtualmente ligadas à crítica argumentativa de que fala Espinoza (Rezende, 2003, citado por Tassara, 2003) – da mesma forma a transferência e a contratransferência são tomadas como fenômenos que sofrem ação do tempo e das subjetividades inerentes ao ser humano.

Percebe-se com as definições apresentadas neste trabalho que os sentimentos, enlaces, desejos e emoções a que um ser humano de origem ocidental está exposto são reeditados segundo interações vivenciadas desde a mais tenra idade e que tais interações podem ter se modificado com o avanço da civilização e da história humana, já que as formas de cuidados (principalmente o materno) diferem de região para região, assim como de cultura para cultura, de sociedade para sociedade, de tempos em tempos. A transferência se apresenta como um processo que viabiliza, através das diferentes vivências, uma retomada na história, nas relações e emoções, assim como sentimentos. A transferência e a contratransferência funcionam como um mecanismo que faz que as partículas pessoais sejam transferidas, lembradas e se depositem no momento atual. Dá-se assim um movimento do que está incrustado através do tempo, e esta incrustação esquecida se desgruda e movimenta-se em direção ao outro, que no caso clínico é o terapeuta e no caso da contratransferência é o paciente. A mente moldada, que sofreu ações do outro, projeta neste outro seus sentimentos ocultados, sejam bons ou ruins, independentemente da época. Como um desejo humano de manter o *status quo* em diferentes épocas de sua existência, não considera as mudanças biopsicossociais em que se inseriu e que fazem parte de sua história. Dessa forma, repetem-se os vínculos e interações que marcaram sua mente, havendo uma falha na argumentação, não se ligando à crítica a partícula “tempo”. Existe uma falha ao desconsiderar as mudanças em relação ao tempo. Em Laplanche e Pontalis (1998), esse mecanismo é designado como um processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. “Trata-se da repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada” (Laplanche & Pontalis, 1998).

Assim como o conhecimento se desdobra segundo os entendimentos e bases teóricas a que está ligado, a dimensão dada a determinado assunto tem como base de sua conceituação não só fatos históricos a que está ligado, mas também culturas, meio ambiente, sociedade, entre outros. Seres humanos de diferentes visões percebem o mesmo fato de diferentes formas seguindo seus costumes e os processos psicossociais e temporais de que fazem

parte. Dessa forma, por mais que a Psicanálise revele-se como uma teoria da mente e algo que tenta explicar os processos mentais, que levam a uma dinâmica das relações e ações da existência do ser humano no mundo. Por ser produto de um ser que vive em constante mudança por causa das inter-relações que se multiplicam, se juntam e se modulam no contato com o outro, a Psicanálise também sofre mudanças e é interpretada e redescoberta de acordo com a época, a mente, a sociedade, a cultura. Com isso temos que, de início, são reconhecidas por Zimmerman (1999, citado por Bissoli, 2006) sete escolas de Psicanálise. Assim, determinado conceito adquire significações sutilmente diversas quando abordado a partir da perspectiva freudiana, kleiniana, bioniana, winnicottiana ou lacaniana. Não é de se espantar, pois até mesmo para Freud a transferência era percebida como um fenômeno com um potencial negativo na clínica e deveria ser controlada pelo psicanalista. Entretanto, seus seguidores, principalmente a escola argentina, reviram a concepção de transferência manifesta na clínica e a contratransferência em seu aspecto negativo. Principalmente Racker (1960) percebe o imenso potencial da compreensão da qualidade do vínculo transferencial proposto pelo cliente acessado pela compreensão do psicanalista de sua própria contratransferência, como um contraponto especular do processo do paciente. Assim, Laplanche e Pontalis (1998) dividem a problemática ao redor do tema em quatro subitens: a especificidade da transferência no tratamento; a relação da transferência com a realidade; a função da transferência no tratamento; a natureza do que é transferido. Com conceitos como a transferência ocorre uma pequena transformação através de outros psicanalistas. Reik esboça uma teoria a partir da intuição, uma captação intuitiva de inconsciente a inconsciente. Fenichel intervém na polêmica entre intuição de Reik e sistematização de Reich. (Etchegoyen, 2004).

Na medida em que o pensamento é algo “moldável” e “expande” também para outras direções, existem, para Bion, numerosas possibilidades de uso da transferência na Psicanálise, ou melhor, do uso que cada analista poderá fazer, em concordância com os diferentes conceitos e preferências teórico-clínicas da arte particular de interpretação. O mesmo ocorre com o fenômeno da contratransferência. Então, é fato que as definições de transferência e contratransferência ligam-se, intrinsecamente, ao uso que

se faz do fenômeno; mas não só isso, ao conceito que irá se ligar às diferentes abordagens ou princípios que foram “descobertos” pelos pesquisadores e cientistas. Se um conceito é tomado a partir de um ponto e segue outras direções que não podem ser tomadas como mais erradas ou corretas que aquelas de outro “pensador”, este conceito pode sofrer modificações segundo os parâmetros que o sustentam. Uma vez que a mente é plástica e argumentativa e possui vários caminhos a serem decifrados, o conceito muda a partir da base, não se tornando falso, mas seguindo outro caminho, sendo outra forma de usar aquela ferramenta, dado que a ferramenta se molda à situação e a situação faz a ferramenta.

Resultados da revisão sistemática

Pesquisa realizada com base em dados de periódicos disponibilizados pelo Ministério da Educação por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A página utilizada foi www.periodicos.capes.gov.br, onde o campo resumos foi acionado e logo em seguida os campos: “Lista Completa da Base de Dados de Resumos”, “Ciências Humanas”, “Índex Psi Periódicos”: “Índex Psi” através do mecanismo de busca iAH. Os descritores digitados no campo de busca foram: “Transferência” e “Contratransferência”. Na tabela 1 estão apresentados os resultados da busca, e a revisão sistemática se aprofundou nos 76 artigos sobre transferência e 34 artigos sobre contratransferência no período de análise de 2000 a 2010.

Tabela 1 - Resultado da pesquisa em base de dados publicados entre 1980 e 2010 sobre transferência e contratransferência

	Número de artigos em periódicos independentemente do período pesquisado	Número de artigos com relação clara com o conceito	Número de artigos publicados entre o ano de 2000 e 2010
Transferência*	515	248	76
Contratransferência**	238	144	34

* Dados coletados em 5 de julho de 10

** Dados coletados em 11 de julho de 10

Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando os resultados, percebeu-se que alguns autores consideram os termos como ferramentas que auxiliam no processo psicanalítico, e outros retomam a posição inicial de Freud, que considerava a transferência como um entrave para o método psicanalítico. Diferentes escolas possuem diferentes formas de perceber, utilizar e interpretar os fenômenos transferenciais e contratransferenciais por causa dos diferentes tratamentos dados aos termos. Há também leituras em relação à estrutura dos conceitos e suas funções, levando a diferentes formas de se analisar um paciente de acordo com a definição do tipo de instrumento utilizado sozinho ou associado a outras variáveis psicanalíticas, como o tipo de personalidade de cada paciente que fará surgir outra forma de transferência e contratransferência, confirmando o que foi exposto.

Dos artigos consultados e que possuem clara relação com os conceitos publicados entre o ano de 2000 e 2010, existem aqueles que abordam explicitamente os conceitos segundo o pensamento de determinada escola psicanalítica, como também existem aqueles onde não é possível perceber claramente qual o tipo de abordagem que utilizam, pois em seus resumos não estão evidentes as referências utilizadas. Assim, as escolas mais utilizadas no período de 2000 a 2010 são a freudiana e lacaniana. A seguir, apresenta-se nas Tabelas 3 e 4 uma categorização dos artigos consultados segundo os temas extraídos dos títulos e cruzados com as referências citadas. Assim, pode-se perceber o percurso da construção dos argumentos e os paralelos estabelecidos pelos autores tendo por base as escolas tradicionais.

Tabela 2 - Categorização dos artigos sobre transferência segundo tema identificados no título e os autores de referência

(continua)

Temas identificados nos títulos	Autores de Referência
Modelo estético	Meltzer/Freud/Klein/Bion
Histeria	Breuer/Freud
Desejo do analista	Lacan
Transgeracionalidade	Freud/Piera Aulagnier/Rene Kaes
Sedução e feminilidade	Laplanche
Complexo de Édipo	Freud

Tabela 2 - Categorização dos artigos sobre transferência segundo tema identificados no título e os autores de referência
(conclusão)

Temas identificados nos títulos	Autores de Referência
Erotomania (transferência na psicose)	Freud/Lacan
Modos de subjetivação	Lacan
Experiência do vivido e transmissão psíquica	Ferenczi/Balint/Torok/Abraham
Transferência de trabalho e a universidade	Freud/Lacan
Dora	Lacan
Manejo da transferência	Freud/Lacan
Configuração da transferência	Freud/Lacan
Crença à causa da transferência	Lacan
Sexualidade feminina, feminilidade, transferência e ato analítico	Freud/Lacan
O desejo do analista	Freud
Experiência psicanalítica	Freud/Ferenczi
Amor ao saber	Lacan
O homem dos ratos	Freud
Conjunto Z/Transferência negativa	Freud/Lacan
Transferência no psicodrama	Moreno
Singularidade da psicanálise	Freud
Amor e transferência	Freud/Lacan
Transferência negativa	Freud/Lacan
Transferência	Freud
O enamoramento e o amor de transferência	Freud
A transferência originária	Freud
Compulsão à repetição	Freud
Repetição transferencial	Freud
Pulsão de morte	Freud
Contratransferência	Freud
Intersubjetividade	Freud
Sexualidade	Freud/Lacan
Transferência, saber e ato	Freud/Lacan
Clínica em mudança	Freud/Ferenczi
Prática analítica/Cura em Psicanálise	Freud
Transferência e arte	Freud
Histeria	Freud
Experiência analítica	Lacan
Subjetividade do analista	Lacan

Fonte: Dados da pesquisa.

Para a entrada “Transferência”, a análise leva a considerar que o conceito é utilizado segundo diferentes usos da compreensão e interpretação transferencial. Em determinado trabalho, o conceito de transferência é delineado à luz do termo

transiência (significando transitoriedade), sendo que o autor configura a experiência analítica como ímpar e em diversas vezes as relações analíticas levam a experiências que não representam, necessariamente, a repetição do passado, indo contra a definição clássica de transferência. Observa-se que outros autores participam da mesma posição, no entanto, em seus diferentes pontos de vista, agregam ao termo transferência outro mecanismo/conceito psicanalítico ou instrumento auxiliar. No que diz respeito aos 76 artigos que possuem relação clara com o conceito de transferência, publicados entre 2000 e 2010, os conceitos e autores utilizados em conjunto com o termo são apresentados na Tabela 4.

Tabela 3 - Categorização dos artigos sobre contratransferência segundo tema identificados no título e os autores de referência

Temas identificados nos títulos	Autores de Referência
Fatores de transiência	Bion
Psicoterapia breve de orientação psicanalítica	Heimann
Atitude emocional do psicoterapeuta	Klein
Transferência sem sujeito	Lacan
Espaço ectópico da contratransferência	Lacan
Desejo do analista	Lacan
O homem dos ratos	Freud
Paradigmas da clínica psicanalítica	Klein
A transferência originária	Freud
Identificação projetiva	Bion
Interpretação	Klein
Intersubjetividade	Freud

Fonte: Dados da pesquisa.

Por meio da leitura dos resumos dos artigos tem-se que a transferência se dará de uma forma ou de outra, segundo o par terapêutico e suas subjetividades, diferenciando a transferência de crianças da de adultos, como em relação ao tipo de ligação e interação existente em uma instituição como escola e hospital, tornando-se um fato específico em cada caso. Há autores que consideram a transferência como uma ferramenta que cria impasses no processo psicanalítico (posição inicial de Freud), enquanto outros a consideram como auxiliar (posição

Tabela 4 - Frequência de associação do descritor "Transferência" com outros conceitos, autores e linhas de pensamento entre 2000 e 2010

Conceitos e/ou Autores relacionados com a entrada Transferência	Nº artigos	Porcentagem	Conceitos e/ou Autores relacionados com a entrada Transferência	Nº artigos	Porcentagem
Michel Foucault	1	1,31%	Sandor Ferenczi	3	3,95%
Fatores de transiência	1	1,31%	Michael Balint	1	1,31%
Bion	2	2,63%	Maria Torok	1	1,31%
Relação	1	1,31%	Nicholas Abraham	1	1,31%
Donald Meltzer	1	1,31%	Transferência de trabalho	1	1,31%
Freud	25	32,89%	Nogueira	1	1,31%
Klein	1	1,31%	Relação professor-aluno	1	1,31%
Infância	3	3,95%	Platão	1	1,31%
Desejo do professor	1	1,31%	Sócrates	1	1,31%
Desejo do analista	5	6,58%	Experiência dialética	1	1,31%
Clérambault	1	1,31%	Hegel	1	1,31%
Lacan	17	22,37%	Criatividade	1	1,31%
Transgeracionalidade	1	1,31%	Heidegger	1	1,31%
Transferência negativa	5	6,58%	Temporalidade	1	1,31%
Metapsicologia da melancolia	1	1,31%	Sonho	1	1,31%
Sedução	1	1,31%	Interpretação	1	1,31%
Feminilidade	2	2,63%	Amor ao saber	1	1,31%
Esquisoidia	1	1,31%	Amor-saber-gozo	1	1,31%
Piera Alaugner	1	1,31%	Sujeito suposto saber	2	2,63%
Rene Cães	1	1,31%	Construção imaginativa	1	1,31%
Laplanche	1	1,31%	Transferência idealizada	1	1,31%
Neurose de transferência	1	1,31%	Histeria	2	2,63%
Complexo de Édipo	2	2,63%	Transferência oriental	1	1,31%
Complexo de castração	1	1,31%	Sexualidade	1	1,31%
Atenção flutuante	1	1,31%	Instersubjetividade	1	1,31%
Identificação projetiva	3	3,95%	Relação com pais	1	1,31%
Neutralidade	1	1,31%	Relação com adolescentes	2	2,63%
Campo analítico	1	1,31%	Luto	1	1,31%
Erotomania	1	1,31%	Repetição	2	2,63%
Transferência erótica	1	1,31%	Contexto hospitalar	3	3,95%
Narcisismo	2	2,63%	Enamoramento	1	1,31%
Pulsão de morte	1	1,31%	Transferência online	1	1,31%
Vínculo	2	2,63%	Transferência da aprendizagem	2	2,63%
Enactment	1	1,31%	Ópera	1	1,31%
Resistência do analista	1	1,31%	Goethe	1	1,31%
Acting out	1	1,31%	Psicose	2	2,63%
Sófocles	1	1,31%	Medard Boss	1	1,31%
Inconsciente coletivo	1	1,31%	Moreno	1	1,31%
Consciente individual	1	1,31%	Psicodrama	1	1,31%
Sexualidade feminina	1	1,31%	Amor	3	3,95%
Amor transferencial	5	6,58%	Religião	1	1,31%

Fonte: Dados da pesquisa.

mais tardia de Freud). Considerada um fenômeno interativo entre analista e paciente que favoreceria a dinâmica da análise em virtude da modernidade e diferentes contextos psicossociais, além de novas modalidades psicopatológicas e diferentes estruturas e dinâmicas psíquicas – assim como com o avanço da internet (“criando” o termo transferência virtual) –, a transferência adquire ou se mostra com tantas facetas quanto idiosincrasias e heterogeneidade do ser humano, levando a crer que a prática psicanalítica se configura como sendo tão dinâmica e explicitando tantos conteúdos quantos fenômenos polissêmicos.

De forma parecida e pareada com o conceito da transferência, a contratransferência aparece definida também como uma interação onde fará surgir o entendimento do paciente por meio das reações provocadas no terapeuta. Na condição de que também agrega funções diferentes, segundo os distintos tipos de pacientes, através da contratransferência, o papel do terapeuta é aquele de que é um compensador das insuficiências do paciente, principalmente em relação a pacientes psicologicamente comprometidos. Além disso, há diferentes tipos de contratransferência de acordo com a posição do analista, ou seja, aqueles que se posicionarem através da clássica posição de autoridade, darão origem à determinada contratransferência, diferente da posição definida por Klein de experiência emocional inconsciente, que postula o reconhecimento da emoção do psicoterapeuta. Dessa forma, na relação, para outros autores, é de extrema importância o impacto da vulnerabilidade do profissional, pois a relação entre analista e paciente se processa através das emoções. Dá-se importância às características do analista, as quais influenciarão a relação estabelecida com o paciente, como: idade, sexo, qualidade do treinamento profissional, estilo de comunicação do terapeuta, intervenções utilizadas, abordagens teóricas, padrões de personalidade, bem-estar do terapeuta, seus valores, atitudes e crenças, além da capacidade de formar alianças terapêuticas. Da mesma forma que ocorreu com a transferência, as entradas na pesquisa de contratransferência também são definidas de acordo com sua processualidade em determinada instituição, como durante a coordenação de grupos. Há estabelecimento de relações segundo outros conceitos e, em relação à sua função, há autores que a definem como “conter, tolerar e compreender”, pois ao analista é atribuído

um papel que faz parte da subjetividade do paciente, sendo que cada um transfere aspectos inerentes de seu ser ao analista, o que cria diversas formas de interação e relação, dando origem a diferentes tipos de transferência e contratransferência e levando a diferentes funções. Em relação aos 34 artigos que possuem relação clara com o conceito de contratransferência, publicados entre 2000 e 2010, os conceitos associados ao termo são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 - Frequência de associação do descritor “Contratransferência” com conceitos e linhas de pensamento entre 2000 e 2010

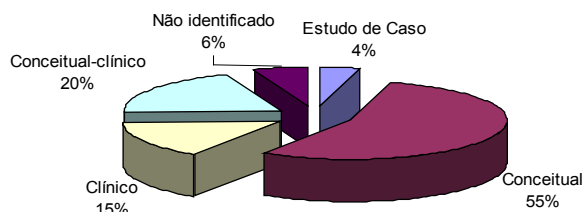
Conceitos relacionados com a entrada “contratransferência”	Número de artigos	Porcentagem
Vínculo	1	2,94%
Identificação projetiva	4	11,76%
Enactment	1	2,94%
Modos de subjetivação	1	2,94%
Freud	7	20,59%
Desejo do analista	3	8,82%
Encontro	1	2,94%
Espaço ectópico	1	2,94%
Resistência do analista	1	2,94%
Perversão	1	2,94%
Analistas neuróticos	1	2,94%
Analistas perversos	1	2,94%
Comunicação paciente-analista	1	2,94%
Exclusão social	1	2,94%
Personalidade borderline	1	2,94%
Tradutibilidade	1	2,94%
Decodificabilidade	1	2,94%
Equivalências simbólicas	1	2,94%
Influência do terapeuta	1	2,94%
Luto	1	2,94%
Par terapêutico	1	2,94%
Função continente	1	2,94%
Interpretação	1	2,94%
Intersubjetividade	1	2,94%
Morte	1	2,94%
Transgeracionalidade	1	2,94%

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação aos objetivos e aplicações dos artigos, procurou-se estabelecer critérios para sua divisão. Assim, na categoria “Estudo de Caso” estão os artigos que se propõem a analisar um caso específico segundo a técnica da Psicanálise. Na categoria “Conceitual” estão os que se propõem a

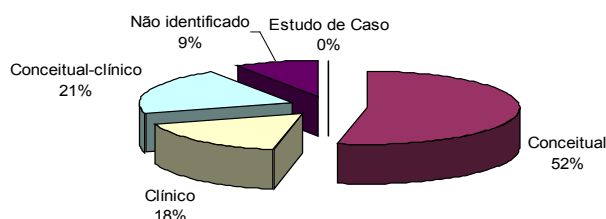
ver os conceitos segundo a definição dos termos, de acordo com as diferentes escolas psicanalíticas. A categoria “Clínico” contém casos clínicos utilizados para expor os termos segundo a prática. O Gráfico 1 apresenta as categorias e suas porcentagens relativas ao descritor “Transferência”, e o Gráfico 2 apresenta as relativas ao descritor “Contratransferência”.

Gráfico 1 - Porcentagem de artigos referentes à transferência segundo a natureza da aplicação



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 2 - Porcentagem de artigos referentes à contratransferência segundo a natureza da aplicação



Fonte: Dados da pesquisa.

Considerações finais

Considerando os resultados desta revisão sistemática, pode-se observar que tanto a transferência como a contratransferência se mantiveram centrais desde sua primeira observação e sistematização, em 1905, no epílogo do caso Dora, e continuam sendo objeto de muitas reflexões e pesquisas nas diversas escolas psicanalíticas e em debate nos estudos sobre a técnica. Isso se dá a partir da dinâmica dos contextos a que o ser humano está sujeito por

possuir potencialidades inerentes a suas subjetividades. Nota-se que, em relação a isso, tanto um único sujeito como uma classe de pessoas, estando inseridas em um contexto social e histórico, possuem diferentes mecanismos que interagem uns com os outros, fazendo surgirem personalidades únicas segundo não só o contexto biológico. Estas personalidades estão inseridas em um contexto de interação cujas ações e modos de ser no mundo retroagem e dão origem à cultura. Percebe-se, por meio da pesquisa, que o ser humano é um organismo complexo que possui tantas estruturas mentais quantas formas de interação e fenômenos que corporificam o pensamento humano. Este, inacabado ou meramente impossibilitado de ser conhecido por completo por causa de sua característica polissêmica, é visto por diferentes autores identificados com a Psicanálise iniciada por Freud, segundo diferentes aspectos, funções e mecanismos, possibilitando um conhecimento mais apurado do existir humano e suas vicissitudes. Ao ser humano foram delimitadas nuances do existir que atestam a pluralidade da técnica psicanalítica.

Referências

- Andrade, A. B. T. (2009). *A contratransferência na clínica psicanalítica*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Andrade, Â. N., & Morato, H. T. P. (2004). Para uma dimensão da prática psicológica em instituições. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 345-353.
- Almeida, M. C. *Educação e Sustentabilidade*. Recuperado em 26 de maio de 2010, de http://http://www.meioambiente.ufrn.br/conteudo/semana_de_meio_ambiente/palestras_semana_de_meio_ambiente/01Educacao_e_Sustentabilidade_Maria_da_C_de_Almeida.pdf
- Atallah, A. N., & Castro, A. A. (1998). Revisão Sistemática e Metanálises. In *Evidências para melhores decisões clínicas*. São Paulo: Lemos. Recuperado em 1 de junho de 2010, de <http://www.centrocochranedobrasil.org/artigos/bestevidence.htm>
- Bissolli, S. S. P. (2006). O conceito de transferência nos “Estudos sobre a Histeria” (Breuer & Freud, 1985). *Paideia*, 16(33), 19-23.

- Castro, R. M. O. (2005). *Transferência-Contratransferência: "Terreno Movediço"*. Recuperado em 26 de maio de 2010, de: <http://www.spbsb.org.br/forum2/textos/textouseabuso.pdf>
- Castro, R. M. O. Uso e abuso da transferência. Recuperado em 1 de setembro de 2010, de http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/xx_cbp_ronaldo.doc
- Clarke, M., & Horton, R. (2001). Bringing it all together: Lancet-Cochrane collaborate on systematic reviews. *Lancet*, 357(1728). Recuperado em 1 de junho de 2010, de <http://www.centrocochranedobrasil.org/artigos/bestevidence.htm>
- Coutinho, A. R. (2007). *Da Transferência à transversalidade: o devir dos conceitos e a variação do plano da clínica*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Dias, H. M. M. (2007). *Contratransferência: um dispositivo clínico analítico*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Etchegoyen, R. H. (2004). *Fundamentos da Técnica Psicanalítica* (F. F. Settineri trad., 2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1995). *Análise fragmentária de uma histeria*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 7, p. 113. (Original publicado em 1905).
- Galvão, C. M., Sawada, N. O., & Trevizan, M. A. (2004). Revisão Sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. *Rev Latino-Am Enfermagem*, 12(3), 549-556.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1998). *Vocabulário da Psicanálise*. Sob a direção de Daniel Lagache. (P. Tamen trad., 3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Leitão, L. G. (2003). Contratransferência: uma revisão na literatura do conceito. *Análise Psicológica*, 2(XXI), 175-183.
- Lourenço, L. C. D. (2005). Transferência e complexo de Édipo na obra de Freud: notas sobre os destinos da transferência. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 143-149.
- Oliveira, M. P. (2007). *Melanie Klein e as fantasias inconscientes*. *Winnicott e-prints*, 2(2), 81.
- Pimentel, C. B., & Barros, I. P. M. (2009). Transferência e desfecho terapêutico em psicoterapia e psicodinâmica breve. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(1), 153-166.
- Rossoni, S. *Contratransferência*. Recuperado em 1 de setembro de 2010, de <http://www.apsicanalise.com/contrtransferencia.html>
- Racker, H. (1960). Estúdio VI: Los significados y usos de la contratransferencia. In *Estudios sobre tecnica psicoanalitica* (pp. 153-202). Buenos Aires: Paidós.
- Tassara, E. T. O., & Ardans, O. (2003). Participação Emancipatória: reflexões sobre a mudança social na complexidade contemporânea. In: *Imaginário*, IPUSP, n. 9, p. 15-31.
- Vieira, M. S. *Aula 8: Transferência em Freud e Lacan*. Recuperado em 1 de setembro de 2010, de hp.br:inter.net/msvieira/aula_08.doc